

**FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA E ACERVOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA E ACERVOS**

**CAROLINA MARIA DE JESUS: A LITERATURA PRODUZIDA PELA
MULHER NEGRA BRASILEIRA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA SOCIAL
E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA**

**RIO DE JANEIRO
2019**

**CAROLINA MARIA DE JESUS: A LITERATURA PRODUZIDA PELA
MULHER NEGRA BRASILEIRA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA SOCIAL
E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA**

Projeto de pesquisa apresentado à banca examinadora do Programa de Pósgraduação em Memória e Acervos (PPGMA) como requisito parcial do processo seletivo para o curso de Mestrado Profissional em Memória e Acervos, linha de Pesquisa 2 – Práticas

Críticas em Acervos: Difusão, Acesso, Uso e Apropriação do Patrimônio

Documental Material e Imaterial.

**RIO DE JANEIRO
2019**

SUMÁRIO

1. TEMA E PROBLEMA	3
2. OBJETIVOS	5
3. JUSTIFICATIVA	6
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
5. METODOLOGIA	8
6. CRONOGRAMA DE PESQUISA	9
REFERÊNCIAS	10

1. TEMA E PROBLEMA

O anteprojeto de pesquisa que apresentamos tem como título: Carolina Maria De Jesus: A Literatura Produzida pela Mulher Negra Brasileira como Forma de Resistência Social e Preservação da Memória.

Ao observar a história brasileira no que diz respeito à formação das classes sociais identifica-se a mulher como minoria e sobretudo, a mulher negra. Levando em consideração o discurso colonizador e hegemônico carregado de significados que são impostos e fixados em nosso cotidiano, pretende-se com esta pesquisa traçar um panorama histórico das transformações do discurso da mulher negra no âmbito da literatura, tendo como ponto de partida a obra de Carolina Maria de Jesus, especialmente o Livro Quarto de Despejo com a intenção de pensar a sua escrita e a sua própria percepção sobre a sua condição social.

Por meio de Carolina Maria de Jesus podemos avistar melhor acontecimentos, ou séries de acontecimentos ,tão distantes entre si como a qualidade literária, o populismo, a origem das favelas, o racismo, o golpe de 64, o êxodo rural, etc. (SANTOS,2009,p.22).

É nessa perspectiva que iremos discutir a relevância na contemporaneidade da obra de Carolina Maria de Jesus, que mesmo não se encaixando na norma culta é reconhecida como uma grande escritora, capaz de emocionar revelando a situação da vida nas favelas. Sua obra apresenta em sua narrativa questões da urbanização e dos problemas sociais que dela resultam como as acomodações impróprias e precárias, questões relacionadas à saúde dos moradores, acesso à água, higiene, eletricidade, além da falta de privacidade. Nos ocuparemos também da invisibilidade da mulher, os preconceitos raciais, as questões das mulheres negras e como estes temas estão presentes em sua obra a partir da sua trajetória de vida e da escrita como lugar de resistência e representação do cotidiano. Diante dessa reflexão, destacaremos a obra de Carolina descrevendo a própria realidade da comunidade de onde ela fala. Carolina era moradora da favela do Canindé. Ao descrever seu dia a dia, descreve também a situação das favelas brasileiras que surgem no cenário após o fim da escravidão no Brasil no final do século XIX. Carolina escreve com o olhar de dentro da favela.

Posteriormente, verificaremos os elementos presentes na obra de Carolina como: memória, fome, política, desigualdades violência

Carolina foi, pode-se dizer, uma guerreira valente contra as tropas da herança racista anti-interiorana,preconceituosa em relação às mulheres e, sobretudo uma pessoa

afrontadora da marginalidade e da negligência política. Rebelava-se sozinha e por isso jamais chegou a ser revolucionária ou heroína permanente. (MEIHY; LEVINE, 1994, p.19).

Por fim estudaremos a dicotomia entre a língua padrão e a informal utilizada por Carolina Maria de Jesus. As expressões da língua popular e as marcas da oralidade presentes em sua obra com efeitos, traços e manifestações de alguém com baixa escolaridade.

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais, que se dedicam a estudá-lo. Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá sua gravidade como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo (BAGNO, 2009, p. 23-24).

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 em Sacramento, interior do Estado de Minas Gerais, onde passou a infância. Estudou até o segundo ano primário. No tempo em que reside em Minas Gerais trabalhou na roça com a mãe e como empregada doméstica. Como descreve Joel Rufino dos Santos “numa rua de terra, serpenteando um córrego, a heroína passou a infância, canelas altas e finas, marcadas de feridas. Todas as casas ali eram marcadas com capim” .

Em 1937, aos 23 anos, mudou-se para São Paulo. Habitou em cortiços na região central da cidade. Trabalhou como empregada doméstica em diversas casas até que, grávida de seu primeiro filho, já não a aceitavam para esse tipo de serviço. Mudou-se para a favela do Canindé, às margens do Rio Tietê e teve mais dois filhos. Três ao todo, dois meninos e uma menina, cada um de um pai diferente.

Hoje moradores da favela preferem chamar seu bairro de comunidade , mas nem sempre foi assim. Há cinquenta anos atrás , favela era um nome aceitável, talvez por não estar ainda malsinado pelos moradores do asfalto como refúgio do “crime organizado”. (SANTOS, , p.49).

Quarto de despejo foi publicado pela primeira vez pela Livraria Francisco Alves em 1960 e teve a sua edição de dez mil exemplares esgotada na primeira semana de lançamento. Carolina, então passou a ser assunto em jornais e revistas. Estiveram presentes no lançamento além de uma multidão, artistas e autoridades, como o ministro do Trabalho de Juscelino Kubitscheck - João Batista Ramos.

O dinheiro da venda dos livros permitiu que Carolina comprasse uma casa no bairro de Santana, onde morou com os filhos até 1964 quando se mudou com os filhos para Parelheiros a quarenta quilômetros de São Paulo. Lá viveu de uma pequena plantação e criação de animais (porcos e galinhas).

Em 1966, os jornais voltam a falar da autora. Teria sido vista na rua Helvetia, maltrapilha e exercendo a "profissão" que sempre exerceu nos anos em que morou na favela: a de catadora de papéis. Queixa-se, na ocasião, das dificuldades que tem para conseguir trabalho e mesmo de vender o que recolhe pelas ruas. Os comerciantes da pobreza se recusam a negociar o lixo da cidade com uma estrela. Entre parênteses, a situação de Carolina Maria de Jesus, nestas circunstâncias, é muito parecida com a dos negros do Cafundó que postos em evidência por pesquisadores e jornalistas, em virtude do vocabulário africano conservado ativamente em sua comunidade, passaram a ter sérias dificuldades para encontrar trabalho como diaristas, sob a alegação dos patrões de que artistas não precisam trabalhar. (VOGOT, 1983).

Carolina faleceu no dia 13 de fevereiro de 1977 na casa do filho José Carlos, deixando um legado literário que representa bem mais do que a descrição dos seus dias, abrindo espaço para reflexões profundas a respeito da realidade da mulher negra na sociedade brasileira.

Examinando as questões abordadas por Carolina Maria, percebe-se que os temas desenvolvidos em 1960 continuam extremamente atuais em 2019. Entretanto, diante das transformações sociais e da luta pela conquista de espaço, buscando ter sua voz ouvida pela sociedade, há modificações no discurso empregado pelas autoras negras hodiernamente, bem como, na própria forma de manifestação e nos meios empregados para tal (considerando os adventos tecnológicos e as novas maneiras de disseminação de informação).

Nesse diapasão desenvolve-se a seguinte questão: Considerando a sociedade brasileira, vítima da escravidão negra e constituída sob o modelo patriarcal, de que maneira a literatura produzida pela mulher negra pode ser compreendida como uma ferramenta de resistência social?

Pretende-se responder a pergunta com a investigação da literatura desenvolvida por Maria Carolina de Jesus, que com papel e caneta traduziu de forma tão palpável sua realidade, culminando nos atuais meios de comunicação e pontos de vista mais recentes desenvolvidos pelas mulheres negras que se incumbem de trazer à literatura seus conhecimentos e vivências, destacando-se, por exemplo, as ações promovidas pelo Geledés: Instituto da Mulher Negra, que por meio de seu blog (geledes.org.br) dissemina literatura especializada e voltada para as questões que o presente projeto visa abordar.

2. OBJETIVOS

GERAL

Contribuir com os estudos a respeito da literatura produzida pela mulher negra como forma de resistência social e preservação de sua memória.

ESPECÍFICOS

- Estudar sobre questões presentes na obra de Carolina Maria de Jesus: costumes e a história da própria autora, cotidiano miserável, mãe, escritora, violência, miséria, fome.
- Traçar um panorama histórico da literatura produzida pela mulher negra no Brasil e as novas formas de abordagem dos temas citados por Carolina Maria de Jesus, desde sua obra "Quarto de Despejo" (1960) até o presente momento (2019, no qual desenvolvem-se alternativas de disseminação de conhecimento por meio da tecnologia).
- Analisar de forma crítica a importância da literatura como ferramenta de resistência social e preservação da memória social de um grupo, com foco no objeto de pesquisa do presente trabalho, qual seja: a literatura produzida pela mulher negra brasileira.

3. JUSTIFICATIVA

Benjamin (1994) sugere que somente o entendimento de que uma experiência vale a pena ser narrada e faz com que indivíduos se tornem narradores. Carolina lança mão de acontecimentos ligados ao cotidiano da favela onde vive para tecer sua narrativa.

Carolina Maria de Jesus foi descoberta pelo jornalista Adálio Dantas que a conheceu quando foi escrever uma matéria sobre a favela Canindé, próxima ao rio Tietê. Carolina registrou a sua história e a história da favela em um diário. Adálio alterou algumas palavras e cortou o excesso de repetições de algumas situações para tornar possível uma melhor compreensão do leitor e publicou o Livro quarto de Despejo: diário de uma favelada.

Assim, Carolina produziu a sua obra, escritora no contexto da exclusão produzida pelos estigmas de marginalização social. Ela era negra, pobre, neta de escravos, e favelada e estudou apenas os dois primeiros anos do ensino fundamental.

A autora é também personagem e não uma observadora externa da vida na favela. A escrita memorialística de Carolina narra a miséria dentro da sociedade brasileira durante os “anos dourados” da década de 1950.

[...] Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os

corvos voando as margens do rio, perto do lixo. Os homens desempregados substituíram os corvos ”. (JESUS, 1997, p.48).

Carolina ficou famosa pelo seu diário que se tornou best-seller, embora tenha escrito peças de teatro, romance e poesias. A autora subverteu a lógica excludente e hierárquica e através de sua obra se apresentou de dentro da favela para o mundo. Seu livro rendeu à Carolina grande, porém efêmera, notoriedade. *Quarto de despejo* foi um sucesso de vendas, conforme nos mostram Meihy e Levine:

As 182 páginas de *Quarto de despejo* foram publicadas em 13 línguas em mais de 40 países, incluindo a então União Soviética e o Japão. Sua projeção foi vertiginosa, e jamais outro livro publicado no Brasil com testemunho de mulheres pobres alcançou níveis equiparáveis ao de Carolina. (MEIHY;LEVINE, 1994, P.26).

Em seu diário Carolina denuncia os processos de exclusão e os preconceitos dos quais era vítima. O lugar de onde Carolina fala revela as histórias das lutas, dos sofrimentos e dos desejos de transformação além da condição do feminino. A autora é observadora e ao mesmo tempo participante, configurando-se como uma espécie de porta-voz de todos que habitavam aquele espaço. Salgueiro (1999) nos fala que: “escrevendo da perspectiva mulher e negra, as escritoras de origem africana examinam a individualidade e as relações pessoais como uma forma de compreensão de questões sociais complexas”.

Considerando questões como o preconceito e as constantes lutas por conquista de espaço contra o racismo e o sexismo, esse trabalho tem como relevância social a disseminação do conhecimento a respeito das ações desenvolvidas pelas mulheres negras em prol de seu reconhecimento social, com destaque para a literatura.

Conseqüentemente a relevância científica se traduz na colaboração com os estudos a respeito da literatura como ferramenta de resistência e preservação da memória social de um grupo, tendo como objeto a literatura produzida pela mulher negra brasileira.

Desta forma, desenvolveremos o trabalho na linha de pesquisa 2: Práticas Críticas em acervos: Difusão, acesso, Uso e apropriação do Patrimônio Material e Imaterial.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O tema a ser desenvolvido baseia-se na ideia de poder proposta por Foucault (1999) segundo a qual o poder circula em cadeia sendo o indivíduo o seu centro de transmissão. Buscaremos a investigação sobre uma personagem marcada pela invisibilidade e narrativas que podem libertar identidades presas pela História.

A concepção utilizada para considerar uma obra literária de qualidade parte de um julgamento articulado pela hegemonia de um grupo levando a um processo seletivo. Um grupo classifica e ratifica o que é o padrão excluindo o que for diferente. Sendo assim, analisaremos também a obra de Carolina sob o ponto de vista da utilização de variantes não padrão e menos prestigiadas utilizando para tanto os estudos de Margos Bagno.

Utilizaremos ainda os mecanismos de controle sociais exercidos pelas classes burguesas, a marginalização do negro na sociedade, a desconsideração de suas histórias e suas culturas a partir da obra "A Integração do Negro na Sociedade de Classes" de Florestan Fernandes.

5. METODOLOGIA

A pesquisa será investigativa e desenvolvida a partir de fontes bibliográficas, artigos científicos, materiais videofonográficos, bem como, por meio da participação de eventos condizentes com a temática a ser trabalhada.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 52ª ed. São Paulo: Parábola, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política-** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v.1.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 14.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática. 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela negra – a saga de Carolina Maria de Jesus.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

SALGUEIRO, Maria Aparecida **Andrade. Escritoras negras contemporâneas. Estudo de narrativas Estados Unidos e Brasil.** Rio de Janeiro, Editora Caetés, 2004.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável.** Rio de Janeiro: Garamond; Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

VOGT, Carlos. **Trabalho, pobreza e trabalho intelectual.** In: SCHWARZ, Roberto (org.). Os pobres na literatura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.